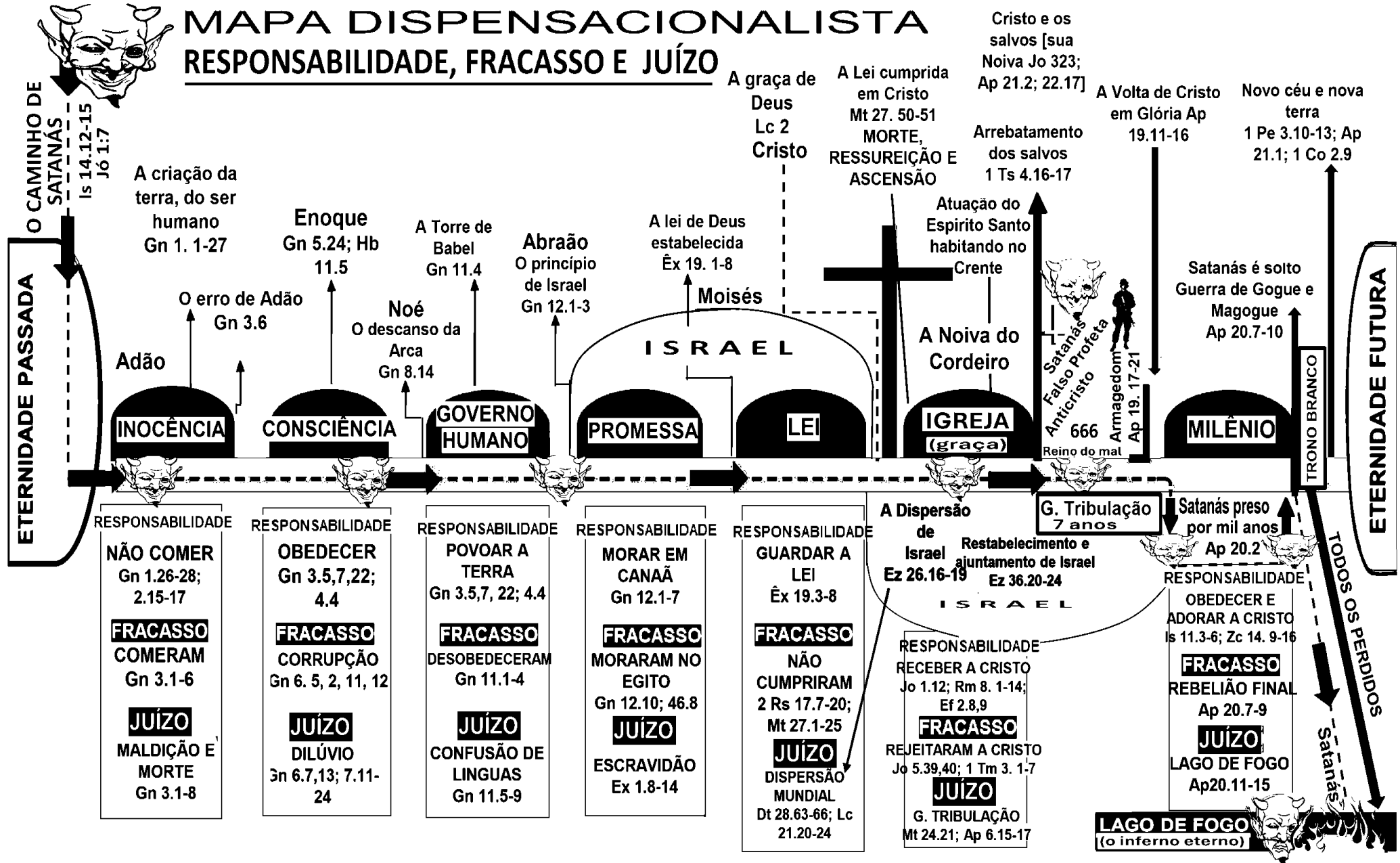


PROFECIA, DISPENSACIONALISMO, INTERPRETAÇÃO CORRETA

IVB – Igreja Voz Bíblica – Pr J Laerton 11-03-26

TRÊS TIPOS BÁSICOS DE DISPENSACIONALISMOS



PROFECIA, DISPENSACIONALISMO, INTERPRETAÇÃO CORRETA

IVB – Igreja Voz Bíblica – Pr J Laerton 11-03-26

Textos Básicos

Atos 1:6,7 – ⁶ *Aqueles, pois, que se haviam reunido perguntaram-lhe, dizendo: Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?* ⁷ *E disse-lhes: Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder.*

Daniel 12:1 - *“haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo,”*

Salmos 110:1-7 – ¹ *Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés.* ² *O Senhor enviará o cetro da tua fortaleza desde Sião, dizendo: Domina no meio dos teus inimigos.*

Jeremias 31:31-33 (Mostra que Deus promete uma nova aliança específica para Israel, distinta da Igreja.

“Eis que dias vêm, diz o SENHOR, em que farei uma nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais... Mas esta é a aliança que farei com a casa de Israel: Depois daqueles dias, diz o SENHOR, porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração...”

Romanos 11:25-26 *“Porque não quero, irmãos, que ignoreis este segredo... que veio endurecimento em parte a Israel, até que a plenitude dos gentios haja entrado. E assim todo o Israel será salvo...”*

Daniel 9:24 - Refere-se diretamente a Israel e Jerusalém, não à Igreja.

“Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade...”

Tese – Examinar, não apenas a guerra atual, mas, toda a profecia segundo o dispensacionalismo, chave hermenêutica para compreender corretamente a profecia bíblica:

1. Os textos do apocalipse não foram apenas para fortalecer cristãos perseguidos pelo Império Romano, como ensinam erroneamente os preteristas, aliancistas, amilenistas e pósmlenistas. *“Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras”* (1 Ts 4:18). Todas as profecias, cumpridas e ainda não cumpridas são esperança para os crentes.
2. Que aliancistas são completamente desonestos em sua crítica ao dispensacionalismo bíblico. Os aliancistas são **preteristas** (dizem que quase toda profecia se cumpriu no passado, ano 70 d.C.), amilenistas (que não vai ter milênio literal) e pósmlenistas (que a era da igreja já uma forma de milênio) são desonestos quando dizem que o dispensacionalismo não é bíblico, trazendo exemplos, apenas de uma parte do dispensacionalismo que se perdeu completamente em heresia, o chamado hiper dispensacionalismo. O dispensacionalismo é bíblico e completamente coerente com a verdade revelada na Bíblia e coerente com os fatos históricos.
3. O dispensacionalismo bíblico é coerente com uma hermenêutica honesta ou interpretação que faz justiça ao propósito de cada texto da Bíblia, deixando o texto falar o que ele está dizendo, sem tentar impor ideais ou as grades de sistemas ideológicos erroneamente criados pelo homem. Consegue fazer isso claramente, porque segue critérios gramaticais, exegéticos, literais ou figurados (onde cabido), e levando em conta os fatos históricos e contexto geopolítico baseado na realidade. Deus disse que Israel ia ser disperso e deixar de ser nação reconhecida pelo mundo e foi isso que aconteceu na história. Que Israel ia voltar a ser nação em um dia, de volta a sua terra e reconhecido como nação e foi isso que aconteceu na realidade da história e da geopolítica mundial.
4. Que a interpretação preterista e ou aliancista que reduz um quarto da Bíblia, a profecia cumprida, especialmente na queda de Jerusalém no ano 70 é mutiladora da Bíblia...

tão irresponsável e, talvez, herege, quando passa por cima e descarta textos claros que falam de eventos grandiosos, que só se cumprirão em um futuro e não num reduzido evento passado.

5. Que os esquerdistas políticos da ala do cristianismo liberal, junto com esquerdistas ateus, especialmente nos Estados Unidos da América, é que lutam contra aqueles que associam eventos geopolíticos atuais a profecia bíblica. Nesse sentido, aliancista, preteristas, amilenistas, pós milenistas e todos que dizem que Israel não tem mais papel profético, são, de fato, não bíblicos, mas, política e escatologicamente esquerdistas. Lembrando que a palavra “esquerdismo”, tem origem nos grupos e cultos satânicos da época de Karl Marx, os quais eram frequentados por ele, e que diziam que o satanismo representava a mão esquerda de Satanás, desde que a Bíblia, fala frequentemente na destra ou mão direita de Deus.
6. Que o aliancismo e preterismo é que é o grande patrocinador de uma ética mundana vivida pelos crentes, ditos reformados e batistas da convenção, que também, aderiram a mão esquerda da escatologia. Friso isso, porque um aliancista, em vídeo, acusou o dispensacionalismo de conduzir ao mundanismo, o que não é verdade. Ao contrário, promove mais a santificação, diante da iminente volta de Cristo para arrebatá-la igreja.

INTRODUÇÃO – Definição necessária de termos e palavras escatológicas.

Dispensacionalismo

O dispensacionalismo é uma compreensão dos atos de Deus na história bíblica dentro do cenário da história e da geopolítica mundial.

Quando Deus deu a revelação a Daniel sobre sua ação na história e reinos humanos a partir da revelação dos reinos mundiais e do que foi revelado em relação ao futuro de Israel e do mundo, também, estava dando a chave hermenêutica para interpretação da profecia bíblica. Esse eixo interpretativo é simples e

direto: A profecia que aponta para o futuro, trata obviamente de eventos futuros que devem ser interpretados literalmente conforme a gramática e propósito literário do autor, se literal ou figurado.

O dispensacionalismo, embora, recentemente tenha sofrido algumas reinterpretções, com nomenclaturas do tipo, clássico, revisado e progressivo, o que interessa no final das contas e de modo geral é que Deus tem um plano específico para Israel e outro para igreja, e isso não quer dizer que Deus tem um plano para salvação de Israel e outro para a igreja. Deus tem um único plano de salvação e é por Cristo, tanto prefigurados nos sacrifícios do VT, quanto para a igreja. Assim, como Deus tem papéis diferentes para mulher e homem no casamento, Deus tem papéis diferentes para Israel e para a Igreja. Também não quer dizer, que, as dispensações sete, menos ou mais, conforme a ênfase, são compartimentos estanques, pois não são. Deus tem um Único plano redentor por Cristo, e esse plano é segmentado através do tempo e da história.

O fato é que as dispensações são cumulativas em alguns casos, melhor nome, do que progressivas.

- (1) A dispensação da inocência findou, definitivamente com a queda. Nunca mais o homem foi inocente no sentido de não ter nenhum pecado;
- (2) A dispensação da consciência continua enquanto o homem tiver consciência de pecado;
- (3) A dispensação da promessa ou abraâmica é eterna, segundo os termos da mesma;
- (4) A dispensação da lei, independentemente do conceito de dispensação e momentos específicos ligados a sacrifícios, rituais e festas que tinham o propósito específico de apontar para a cruz, ficando obsoletos após esta, continua porque reflete o caráter santo de Deus, e é a perfeita referência de comportamento santo;
- (5) A dispensação da igreja, melhor que dispensação da graça, pois graça é a base de todos os relacionamentos de Deus em toda a

história do universo. Deus nunca deveu e nem deve nada a ninguém, por isso, todos os tratos de Deus com suas criaturas são produto da graça, e nesse sentido, só existe uma dispensação, a graça. Porém, a graça pode ser dividida em momentos históricos específicos e com propósitos específicos. Então, voltando a esses momentos específicos da história humana, a dispensação da igreja vai findar com o arrebatamento da mesma, fato histórico profetizado por Cristo (*dois...um será tomado e outro deixado...* [deixado para quê? os *deixados para trás* é um conceito criado por Cristo e não pelos dispensacionalistas.] e Paulo, descreve literalmente o evento [*seremos arrebatados... num momento... num abrir e fechar de olhos*]. Portanto, o arrebatamento não é criação de dispensacionalistas, mas de Cristo e Paulo;

➔ Entre o final da dispensação da igreja e o milênio (fartamente profetizado e descrito literalmente pelos profetas), existe por necessidade lógica, um parêntese, chamado por Daniel, de: *“haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo,”* (Daniel 12:1). Essa tribulação mundial nunca houve antes e especialmente em que Israel, “teu povo” (o povo de Daniel), como nação será salvo. Cristo, também, mencionou essa grande tribulação: *“Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver.”* (Mateus 24:21). Fica claro, para quem, realmente crer no que o texto bíblico diz claramente, sem sombras de dúvidas, que, não só o arrebatamento, mas a grande tribulação mundial, na qual Israel será salvo, não é criação de dispensacionalistas, mas de Daniel, Cristo e Paulo;

(6) A terminologia, ou alguns termos e expressões usados pelo dispensacionalismo para explicar certos momentos ou eventos do plano único de redenção de Deus e que podem não ser encontrados na bíblia, não alteram a

realidade fatural e revelacional do que o texto comunica.

- Assim como o termo "trindade", para revelar a tri unidade divina, não é encontrado no texto bíblico, mas, é um termo útil para descrever a doutrina.
- Expressões tais como: "igreja Parêntese" entre a 69a semana de Daniel e a 70a semana, tem razão de ser assim chamado.
- A própria interpretação das 70 semanas de Daniel é baseada em boa exegese do texto e que se encaixa bem na configuração do que aconteceu historicamente desde a primeira semana até 69a, com a morte do Messias, que se configura como uma parada no cumprimento dela, e o imediato surgimento da igreja, volta a cumprir-se, após o período da igreja. Isso, não é invenção é exegese e interpretação correta do texto. Mas, na frente veremos a correta razão da interpretação dispensacionalista das 70 semanas de Daniel.

DIFERENÇAS PRINCIPAIS ENTRE DISPENSACIONALISMO CLÁSSICO, REVISADO E PROGRESSIVO

As principais diferenças entre o dispensacionalismo clássico, revisado e progressivo residem em sua hermenêutica ou interpretação e visão do reino de Deus e grau de continuidade entre Israel e a Igreja. Essas vertentes compartilham o premilenismo e a distinção entre dispensações, mas variam em refinamentos teológicos.

O dispensacionalismo CLÁSSICO. Na questão de interpretação do texto bíblico, o dispensacionalismo clássico usa uma interpretação literal estrita, distinguindo rigidamente reino de Deus e reino dos céus, com pouca continuidade entre Antigo e Novo Testamento. Isso é problemático, pois os textos do Novo Testamento são interpretados a luz de textos do Velho Testamento. Cristo explicou o evangelho aos discípulos de Emaús, usando os textos do Velho Testamento.

É aqui, onde, se distanciando radicalmente do dispensacionalismo clássico, surgiu um desvio, mesmo, uma aberração hermenêutica

chamada de hiper dispensacionalismo. Hiper dispensacionalismo não representa o dispensacionalismo bíblico. É uma heresia que diz que todos os textos bíblicos do Velho Testamento e todos os textos bíblicos do Novo Testamento, onde existe qualquer mandamento, não é para igreja. Ouvi um herege desses dizer que o Sermão do Monte e Romanos não eram para os crentes da igreja e que só algumas epístolas podiam ser usadas na igreja.

É aqui, também, que está baseada toda a desonestidade dos aliancistas, preteristas, amilenistas e pósmilenistas que usam as heresias do hiper dispensacionalismo para descrever os dispensacionalistas.

O dispensacionalismo REVISADO ou tradicional. Mantém a literalidade histórico-gramatical, mas refina conceitos para responder críticas, rejeitando distinções como reino de Deus versus céus e enfatizando cumprimento futuro literal das promessas a Israel. Nesse caso o dispensacionalismo revisado tem razão. A explicação para a diferença entre reino de Deus e reino dos céus é puramente subjetiva e baseada em construção ideológica que não encontra suporte no texto mesmo. É o mesmo caso da interpretação subjetiva e com sustentação puramente ideológica, ou não baseada em texto bíblico ou previsão profética explícita, que ensina que a queda de Jerusalém, cumpri quase todas as profecias, com exceção da volta de Cristo. Esse é o erro fatal dos reformados, aliancista, preteristas, amilenistas e pósmilenistas. O aliancismo é sustentado na nuvem vazia da subjetividade incrédula do que o texto diz literal e explicitamente, portanto, uma ideologia humanista descabida e herege, porque descarta mais de um quarto da Bíblia e isso porque a profecia, em grande medida é de cunho literal.

O dispensacionalismo PROGRESSIVO. O dispensacionalismo progressivo, tenta ser um meio termo entre dispensacionalismo e aliancismo, adotando uma interpretação que tenta se pendurar e se equilibrar entre duas interpretações antitéticas, usando uma espécie de hermenêutica "complementar" ou de "tapa

buracos". Parece que a tentativa era de dizer que o NT avança e enriquece promessas do AT sem anulá-las, permitindo maior sobreposição.

O problema crítico no dispensacionalismo progressivo é principalmente sua hermenêutica "complementar", que com sua visão inaugurada do reino e diluição da distinção Israel/Igreja, vai corroendo como câncer a literalidade consistente do texto. Essa é uma hermenêutica pós-moderna de desconstrução do texto que peca contra o fato e doutrina da preservação do significado fixo do AT no contexto original, evitando "flexibilizações" que beiram ao aliancismo ou teologia do pacto.

Essa hermenêutica complementar do dispensacionalismo progressivo flexibiliza o texto do NT para que adicione "níveis complementares" de significado ao AT, violando a hermenêutica histórico-gramatical estrita, onde o sentido é fixo pelo autor original e contexto imediato.

Thomas e Feinberg argumentam que isso introduz "*flexão*" ou flexibilização no texto, impossível em princípios tradicionais, pois revelação posterior não altera o significado primário (ex.: promessas territoriais a Israel em Gn 15 não ganham sentidos espirituais expandidos). Portanto, somente o dispensacionalismo, chamado de clássico e melhor ainda, o chamado revisado, mostra coerência com uma hermenêutica não liberal e flexibilizadora dos textos do AT, que deve ser interpretado por si só, sem "progresso" que crie múltiplos sentidos, preservando literalidade em profecias (Ez 37; Jr 31).

Quanto a visão do Reino de Deus, uma parte já inaugurada e outra parte ainda não, que os liberais, aliancistas ou da teologia do pacto chamam de "Já/Não Ainda", é a visão dos defensores do dispensacionalismo progressivo que veem o reino davídico JÁ inaugurado espiritualmente agora (Cristo no trono de Davi via Igreja), com plenitude futura; Isso é incoerente com os textos bíblicos, que mostram que o reino se cumprirá de forma plena no tempo futuro em um milênio literal e não antes.

Essa interpretação, também chamada de *escatologia inaugurada*, foi influenciada por George Ladd, teólogo que sofreu a influência do teólogo liberal, Oscar Cullmann. Foi Cullmann e copiado por Ladd, ensinam que o reino de Deus irrompeu na era presente com a vinda de Cristo, mas ainda aguarda consumação plena no futuro ("já, mas ainda não"). Essa tensão reflete aspectos realizados (espirituais) e penderes (físicos/universais).

Essa visão do "já, mas ainda não", é uma visão distorcida e liberal do **Reino de Deus**. Para os progressistas, seguindo Cullmann e seu discípulo, Ladd, argumentam que o Reino é presente na vida, morte e ressurreição de Jesus, operando redentivamente agora (ex.: milagres, salvação), mas não em glória universal até a *parousia* ou segunda vinda literal de Jesus. Isso é uma rejeição dos textos bíblicos que nos dão uma visão futura do reino de Deus, puramente futura (dispensacionalista).

Essa visão distorcida do reino ignora a a rejeição literal do rei por Israel (Mt 23) e que a oferta condicional não foi cumprida, por isso, Cristo não reina, num reino, davídico nos dias de hoje. O reino de Deus, como uma expressão Davídica, é descrito em termos literais em que não tem como ter sido inaugurado em nossos dias.

Atos 1:6,7 – Cristo não deixou datas para a inauguração do reino de Deus, como expressão Davídica.

⁶ Aqueles, pois, que se haviam reunido perguntaram-lhe, dizendo: Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel? ⁷ E disse-lhes: Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder.

Salmos 110:1-7 – Os termos físicos e literais do reino não existem hoje, mas, estão profetizados para o futuro.

¹ Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés. ² O Senhor enviará o cetro da tua fortaleza desde Sião, dizendo: Domina no meio dos teus inimigos. ³ O teu povo será mui voluntário no dia do teu poder; nos ornamentos de santidade, desde a

madre da alva, tu tens o orvalho da tua mocidade. ⁴ Jurou o Senhor, e não se arrependerá: tu és um sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedeque. ⁵ O Senhor, à tua direita, ferirá os reis no dia da sua ira. ⁶ Julgará entre os gentios; tudo encherá de corpos mortos; ferirá os cabeças de muitos países. ⁷ Beberá do ribeiro no caminho, por isso exaltará a cabeça.

O AT profetiza um reino físico/universal futuro (Dn 2; Is 2), sem "fase espiritual" misteriosa; evita confusão entre dispensações.

A base da escatologia aliancista e do dispensacionalismo progressista é a teologia liberal de Oscar Cullmann e levada para os seminários fundamentalistas por George Ladd.

Oscar Cullmann por sua postura liberal é acusado de relativizar a autoridade absoluta da Bíblia e de adotar métodos histórico-críticos que enfraquecem a inspiração divina das Escrituras. Para aliancistas e dispensacionalistas progressivos, Cullmann representa uma teologia que compromete a clareza doutrinária em favor de interpretações acadêmicas e contextuais.

Influenciado por Cullmann, eles rejeitam visões puramente futuras (dispensacionistas) assim tentando equilibrar Mc 1:15, quando diz que o reino "já chegou", por causa da presença de Cristo como rei na terra, mas, Cristo sairia da terra e só voltaria, na inauguração real do reino em um futuro escatológico (Mt 25). Por isso dispensacionalismo clássico e revisado repudiam o aliancismo e o dispensacionalismo "progressivo", que é nome bonitinho para disfarçar sua promiscuidade com o aliancismo e escatologia liberal.

Quando a Israel e a Igreja, voltando ao meio-liberal, George Ladd, em sua visão, Israel permanece no plano de Deus (Rm 11), mas a Igreja é o povo redimido atual do Reino, não um "parêntese"; promessas a Israel têm cumprimento espiritual na Igreja sem anular restauração futura. Paulo exortou, para saber dividir bem a Palavra de Deus, colocando cada coisa no seu devido lugar. Quando se mistura o plano de Deus para Israel e igreja, como se a igreja fosse uma como continuidade orgânica do

remanescente fiel de Israel, participando do Reino inaugurado, causa confusão.

Foi a escatologia complementar ou progressiva de Ladd que influenciou o dispensacionalismo progressivo (Blaising/Bock), que adota o "já/não ainda" para o reino davídico, com Cristo reinando espiritualmente agora via Igreja.

Qual o problema em Ladd e o dispensacionalismo progressivo estarem embasados pela escatologia liberal de Oscar Cullmann?

Como todos os teólogos liberais, Cullmann usa o método histórico-crítico para interpretar os textos bíblicos, e defendia a análise histórica dos textos bíblicos, buscando compreender e interpretar o texto bíblico, conforme e/ou a partir do contexto cultural e político em que foram escritos. E desde que esse contexto é levantado por conjecturas subjetivas, isso ameaça e põe em dúvidas à **inspiração verbal e plenária da Bíblia**, pois sugere que os textos são condicionados pela história e pelas conjecturas subjetivas e não apenas revelação divina.

Quanto a papel de Deus na história ou a teologia da história de Cullmann, ele enfatizava que a fé cristã deve ser entendida como inserida em eventos históricos, especialmente a ressurreição de Cristo como o centro da história. O problema com essa abordagem perigosa é que ela foca na história humana, e finda por reduzir a fé a um fenômeno humano e não exclusivamente divino.

Outro problema da teologia da história e escatologia de Cullmann, é que ela relativiza ou subjetiva a escatologia, deixando que cada sujeito diga o que quer sobre o texto bíblico, desde que encontre uma boa ideologia para dar respaldo a mesma.

Para Cullmann, devido a sua teologia liberal relativista, e desfavorável a credos fixos, foi ativo no diálogo ecumênico, buscando aproximação entre diferentes tradições cristãs, mesmo com credos claramente contrários. Os fundamentalistas bíblicos veem isso como **compromisso doutrinário com o erro e a**

apostasia, acusando-o de suavizar diferenças essenciais entre denominações e seitas.

Para resumir, o mal de atrelar, mesmo que não seja admitido por eles, a escatologia do dispensacionalismo progressista e aliancista a teologia liberal de Cullmann, que ao usar o método histórico-crítico, contextual, enfraquece a autoridade bíblica, pois sua inspiração plenária é trocada por uma interpretação histórica relativista e subjetivista, sem se darem conta, ameaçam a inspiração verbal, infalível, literal e suficiente da Bíblia. Seu ecumenismo viabilizado por um diálogo cada vez mais aberto e frouxo ataca a exclusividade da sã doutrina. Portanto, Oscar Cullmann e o cavalo de Tróia, George Ladd, são **teólogos que comprometem a pureza da fé bíblica** ao adotar métodos acadêmicos impróprios e ecumênicos. Já para teólogos liberais, ele é valorizado por oferecer uma visão histórica e dinâmica da fé cristã.

A implicação do que foi dito acima para o dispensacionalismo progressivo, é que principalmente por usar a hermenêutica "complementar" de Ladd, sua visão inaugurada do reino e diluição da distinção Israel/Igreja, caracteriza um abandono da literalidade consistente.

Devemos preservar o significado fixo do AT no contexto original, evitando "flexibilizações" que beiram a teologia do pacto e ao liberalismo teológico de Cullmann.



4ª Feira: 19:30 – Culto de Oração;
Domingo: 9:00 EBD-Aula Bíblica;
10:00 Café; 10:30 Culto Dominical.

Pr. José Laerton. Site: igrejavozbiblica.com
Canal no Youtube. Digite: IGREJA VOZ BIBLICA